

## IRONIA DO DIÁLOGO PSICOLÓGICO (IDP): EXPERIÊNCIA DO DIÁLOGO SOCRÁTICO COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE UMA ÉTICA EM UM CONTEXTO DE MODERNIDADE LÍQUIDA

*Enoque Luz dos Santos*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Carla Eloá de Oliveira Ferraz*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de apresentar um relato de experiência denominado “Ironia do Diálogo Psicológico”, IDP, como possibilidade de resolução para alguns conflitos da atualidade. Esse projeto foi desenvolvido partindo da compreensão do momento histórico em que vivemos, sendo também inspirado nos textos de Zygmunt Bauman, pensador da modernidade líquida. Alguns dos conflitos apresentados pelo autor são o tempo dedicado às redes sociais, a perda da sensibilidade e a crise nos relacionamentos. Compreendendo que tais conflitos podem desencadear sofrimentos e que, a partir de experiências empíricas o autor do projeto concluiu que o diálogo tem em si o poder para possíveis soluções dessas crises, surgiu à ideia de transformar uma conversa comum em uma produção científica. A praticidade da intervenção consistiu em conversas que dialogam com essas demandas, e o público alvo eram pessoas que o autor jamais teve qualquer vínculo sendo esse um caráter inovador da pesquisa. Com cumprimentos usuais como “bom dia” ou “boa tarde”, o autor se aproximava das pessoas em lugares com alguma aglomeração, pois assim as mesmas se sentiam seguras. O comportamento do pesquisador era reforçado, ou não, de acordo o estímulo da resposta. Em alguns casos as pessoas se afastavam ou colocavam o fone no ouvido, mas geralmente as pessoas respondiam, só assim desencadeava uma conversa. A experiência de cada diálogo motivou ainda mais o autor e o resultado atendeu as expectativas, as pessoas que se disponibilizaram participar trouxeram relatos de conflitos familiares, angústias, dificuldade em elaborar perdas (luto), ideação suicida e o caso mais marcante foram de uma participante que desistiu do suicídio por causa do projeto IDP.

**Palavras-chave:** Diálogo. Encontro Significativo. Modernidade Líquida.

### INTRODUÇÃO

Zygmunt Bauman (2001) conceituou a pós-modernidade de modernidade líquida, que se caracteriza dentre outros fatores pela fluidez, instabilidade nas relações sociais e insensibilidade. A disfunção de alguns órgãos dos sentidos que se apresentam incapazes de perceber estímulos que em condições “normais” evocariam imagens, sons ou outras impressões. Deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa e evitamos nos relacionar de forma mais íntima. Diante desta realidade, vista por Donskis (2014), há um mal invisível, pois deixamos de perceber o outro em sua complexidade que o constituem como ser. Esse abandono, segundo Karnal (2018) tem como consequência a solidão, vista como um dos

grandes problemas da atualidade. Assim, o termo modernidade líquida serve tanto para perceber o tempo presente como para criticá-lo.

Para Bauman, o que estava estabelecido antes da modernidade líquida era a modernidade sólida. Ela começou a emergir por volta do século XV, questionando os padrões antigos e começando desde então uma série de revoluções, como foi a Revolução Francesa do século XVIII. A modernidade sólida derreteu os sólidos do seu passado e instituiu novos: a ideia do progresso, da liberdade, da ciência, da previsibilidade e da ordem. Assim, se a modernidade sólida colocou algo sólido no lugar daquilo que destruiu do seu passado, a modernidade líquida não o fez. Ao invés disso, ao derreter as certezas no progresso e na ciência, a liquidez dos nossos dias atuais deixou apenas a incerteza, as mudanças contínuas e um futuro indeterminado. (TODO ESTUDO, 2021)

Segundo Cecília Castro e Regiane Marques (2008, p.), essas mudanças são, entre outras coisas, forças que atravessam a existência em um processo de subjetivação. A produção subjetiva se desenvolve para além do indivíduo, fazendo-se, em um dado contexto histórico, coextensiva à produção do campo social. Domenico Hur, em seu livro *Psicologia, política e Esquizoanálise*, descreve essas mudanças como forças vulcânicas, pois “nas erupções de um vulcão, toneladas de jatos de lavas são expelidas no cume de uma montanha, acompanhadas de explosões, fogo, gases, radiações, como se a natureza gritasse”. (HUR, 2019, p. 16).

Podemos descrever um vulcão em erupção como fluxo de magma com um calor inimaginável e extrema potência de energia e ação, quando transitam pela superfície destroem tudo o que tocam. Com essa analogia podemos entender a passagem dos tempos sólidos para os tempos líquidos com a compreensão e complexidade que o tema exige. Domenico Hur (2019, p.16) chamaria essa passagem de desterritorialização que seria, metaforicamente, o fluxo de novos códigos fortemente marcado pela fluidez, frouxidão nos laços sociais, insegurança, insensibilidade, entre outros. Esse fluxo se cristaliza dando outra configuração ao “território”. É, portanto, o processo de reterritorialização que se configura nesse contexto como modernidade líquida.

Esse projeto foi criado e desenvolvido compreendendo os conflitos e demandas da liquidez do mundo moderno se atentando a crise do diálogo e a importância do relacionamento interpessoal que é uma das facetas dos problemas atuais. A expressão IDP foi inspirada no conceito “Ironia Socrática” que caracterizava os diálogos de Sócrates (370-399 a. C.) pelas ruas e praças de Atenas, “Sócrates fingia-se alheio ao tema da conversa – ou aparentava uma ignorância que não tinha. Chamamos a isso ‘ironia socrática’” (Jostein Gaarder, 2012, p. 80). A IDP inspira-se no método socrático, consistindo em conversas abertas com o objetivo de estabelecer um diálogo que poderia permitir um processo de

reflexão, um encontro com o outro, uma conexão sensível com estas pessoas, conexão que também poderia viabilizar a estas um contato sensível consigo mesmas e com o mundo. Se partirmos do princípio que o diálogo tem em si a chance de encontrar soluções mais sensatas para os conflitos da modernidade, a solidão, por exemplo, percebe-se a necessidade de enfatizar a importância da cultura do diálogo na sociedade e nas instituições, para isso, precisamos compreender melhor o contexto atual.

## MUDANÇAS SOCIAIS E A CRISE NOS RELACIONAMENTOS

A modernidade líquida é marcada pela fluidez e a única certeza que temos é a incrível velocidade com que o mundo muda. Na década de 80 o polígrafo Luiz Wanderley Torres em seu livro *Nordeste Pitoresco e Engraçado* (1984), registrou uma coletânea de observações das mais interessantes, feitas pelo próprio autor que tudo viu do que narra. O livro é constituído por capítulos que retratam o cotidiano das pessoas numa época em que o sertão era um tanto bárbaro, mas muito folclórico. O autor manteve, com legítima autenticidade, os aspectos da vida das pessoas dessa região do Brasil e com espontaneidade registrou até o linguajar típico da região. Em um dos capítulos “A mudança”, Wanderley Torres relata a percepção do progresso e os primeiros impactos na vida das pessoas com a chegada do telégrafo e a inauguração do mesmo, visto com muita euforia e perplexidade a resposta de um telegrama lido em voz alta e com muita solenidade.

Hoje, na era pós-moderna, essa tecnologia já foi amplamente superada e a comunicação se dá por meios de aparelhos celulares, conseqüentemente, houve um impacto na vida e na maneira das pessoas se relacionarem.

A capa da revista SUPER INTERESSANTE (2019) trouxe o seguinte título: smartphone: o novo cigarro. Nessa revista é relatado que quatro bilhões de pessoas (51,9%), tem um smartphone e o tiram do bolso mais de 200 vezes por dia. O celular é citado como o objeto mais viciante que já existiu, pois, o sistema de tecnologia usam estratégias da psicologia, neurologia e até dos cassinos para prender a atenção dos usuários (existem apenas duas indústrias que chamam seus clientes de usuários: a de drogas e a de software). A revista mostrou ainda uma pesquisa feita pela consultoria Deloitte com dois mil brasileiros e o resultado mostrou que 36% apresentam problemas com o uso excessivo do smartphone (como dificuldade de concentração e insônia), e 32% não tiveram sucesso ao tentar controlar o tempo dedicado ao celular.

O dilema das redes (documentário exibido na *Netflix*, 2020) trouxe a mesma discursão com os depoimentos do ex-vice-presidente de engenharia que trabalhou no *Twitter*; o ex-presidente da *Pinterest* que também foi diretor de monetização no *Facebook*; o cocriador do *Google Drive* e do *Gmail*, das páginas do *Facebook* e do botão “gostei”. Eles concordam que essas ferramentas trouxeram inúmeros benefícios, como: reuniram familiares sem contato, encontraram doadores de órgãos e acrescentaram que houve mudanças significativas e sistêmicas no mundo inteiro. Porém, comentaram que ao lançar esses recursos, eles ganham vida própria e perdem o controle do que chamam de efeito colateral.

As mensagens são enviadas e recebidas em um tempo nunca antes visto na história dos meios de comunicação. Sobre isso, Bauman fala em seu livro *Amor líquido* (2004), de mensagens que brilham na tela do smartphone e dedos sempre ocupados compondo suas próprias mensagens enquanto cada qual segue suas próprias trajetórias. No livro *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*, Bauman relata a história de uma adolescente que enviava mensagens a cada dez minutos no tempo em que estava acordada, somando três mil mensagens de textos em um único mês. “Assim, a adolescente nunca ficou sozinha por mais de dez minutos; nunca ficou só consigo mesma, com seus pensamentos, seus sonhos, seus medos e esperanças” (Bauman, 2009, p.12). Chamo a atenção para essa citação que o autor não está se referindo a solidão, mas a *solitude*. Essa condição que permite “juntar pensamentos”, ponderar, refletir, criar, e estar só consigo mesmo.

No livro *Amor Líquido* (2004), O autor fala da comunidade e da fragilidade dos laços sociais com o surgimento das redes sociais. Com um smartphone á mão as pessoas estão conectadas a tudo e a todos que não estejam fisicamente próximos. Mas, a conectividade elimina ou diminui o contato com as pessoas próximas.

Nota-se aqui uma ruptura na maneira das pessoas se comunicarem e se relacionarem considerando que as redes sociais atribuíram um novo sentido na vida das pessoas. O próprio Bauman, ao conversar com uma pessoa com compulsão pelo Facebook, concluiu que o que ele chama de amigo, para seu interlocutor, é alguém cujo relacionamento virtual pode ser desfeito a qualquer momento, sem culpa, sem mágoa e sem sentimentos.

Considere que estamos falando da diferença ou substituição dos laços por redes que durante a infância de Bauman ele alega nunca ter ouvido falar nesse conceito. Como consequência, existe a possível extinção do que o autor chama de amigos e a ausência dos diálogos.

Antes de avançar nessa linha de raciocínio, que é o objeto de estudo desse trabalho, convém falar um pouco dessa amizade ou amigos propriamente ditos. Michel de Montaigne (2017) no seu texto intitulado “*Da Amizade*” definiu a amizade como alguém que tem o seu igual. Montaigne é considerado um humanista radical com uma das mentes mais originais que já se teve notícia, e sobre a amizade ele diz ser o ponto máximo da perfeição da vida em sociedade (MONTAIGNE, 2017, p.36).

Montaigne eleva a amizade a um vínculo nobre e raro e descreve essa grandeza de maneira que a nenhum outro relacionamento se pode comparar, nem dos filhos com os pais, pois os pais possuem pensamentos secretos e para não gerar inconvenientes liberdades não podem ser comunicados aos filhos. Se for considerar que as advertências e repreensões é um dos primeiros deveres da amizade e nem isso pode ser exercido pelos filhos com seus pais, estamos falando de outro relacionamento que não é a amizade. Montaigne diz ainda de forma tão brilhante que diferente do amor cuja fruição o aniquila, pois tem um fim corporal e está sujeita a saciedade. “A amizade, ao contrário, é desfrutada à medida que é desejada, só se desenvolve, nutre e engrandece na fruição, por ser espiritual e a alma se aprimorar com seu uso” (Montaigne, 2017, p.39).

Observem como a amizade ou o termo amigo é tratado de um jeito que se aproxima mais dos laços citados por Bauman do que pela fragilidade dos amigos virtuais inventados pelas redes sociais.

A solidão surge, então, como uma grande ameaça e consequência das redes sociais que nos aproxima de muitos, virtualmente falando, e nos incapacita de desenvolver habilidades sociais para um relacionamento mais genuíno e real. No artigo de Kimberley S. Young (2011), relata que “em geral, os dependentes de internet têm dificuldade em formar relacionamentos íntimos com os outros e se escondem na anonimidade do ciberespaço para se conectar com pessoas de maneira não ameaçadora” (YOUNG, 2011). Percebe-se a importância de saber administrar os possíveis conflitos no mundo real (que pode ser um tanto inseguro), e que podem ser facilmente evitados nas redes. Isso trás certo conforto, pois, apesar das relações serem efêmeras, existe outras possibilidades de conectividade.

Há sempre mais conexões para serem usadas – e assim não tem grande importância quantas delas se tenham mostrado frágeis e passíveis de rupturas. O ritmo e a velocidade do uso e do desgaste tampouco importam. Cada conexão pode ter vida curta, mas seu excesso é indestrutível. Em meio à eternidade dessa rede imperecível, você pode se sentir seguro diante da fragilidade irreparável de cada conexão singular e transitória. (BAUMAN, 2004, p. 80)

No modo de existir de cada ser humano constituído de personalidade tão variável quanto nossas digitais sempre vai haver algo que nos agrada e cativa e, paradoxalmente, características que não nos provoca empatia. Nas redes sociais existe a possibilidade de selecionar, e no mundo real devemos aprender a administrar as diferenças nos relacionamentos. A presença do outro, seja um familiar, seja um amigo, seja qualquer pessoa íntima, estabelece uma prova complexa. Administrar os atritos inevitáveis ao conviver com a diferença é um ato de maturidade. “Ser contrariado, questionado, posto em suspeição, rejeitado, desde que não seja a única experiência que conheçam, criam resiliência, moldam personalidade, caráter. O filtro bolha impede tudo isso.” (KARNAL, 2018, p. 50).

Embora as redes sociais apresentem inúmeros benefícios, Bauman (2004) enfatiza que os usuários não as utilizam para se aproximar nem para ampliar seus horizontes. Buscam conectividade e visibilidade. Onde o que veem são reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas é, segundo Bauman, uma armadilha. Pois aos que se mantém a parte, os celulares permitem permanecer em contato. Aos que permanecem em contato, os celulares permitem manter-se à parte. Partindo do princípio que o ser humano está se sentindo sozinho em meio à multidão e que as pessoas tem a necessidade que sua dor seja reconhecida, percebe-se a importância da escuta capacitada e habilitada.

Salomão A. Chaib, formado pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, entendendo a ciência como missão humana escreveu vários contos inspirados na experiência profissional. Em seu livro “*E agora doutor*” (1981) é relatado o caso de uma adolescente, Doralice, que tentou suicídio bebendo soda cáustica. A primeira cirurgia foram seis horas de trabalho, tentando salvar-lhe a vida. Quatro cirurgiões, dois litros de sangue, vários litros de soro. O tratamento todo durou seis meses de internação, quatro vezes operada, seis litros de sangue, muito mais do que possuía seu corpo, dias e noites de cuidados e dedicação de médicos e enfermeiras. Dois dias depois que teve alta, Doralice se suicidou. Perplexo, Salomão Chaib (1981) lamenta e se questiona sobre os conflitos desconhecidos de Doralice:

Perdão, Doralice. Na verdade eu estava cego. Preocupado com os males do corpo, esqueci seu espírito, mais doente ainda. Como pude descuidar-me das feridas da alma, se naquele dia, quando você se obstinava contra seus pais, traía seu sofrimento? É o eterno engano dos cirurgiões, que palpam tumores e não se lembram de que há um coração oculto vibrando em ânsia, sonhos e sofrimentos. (CHAIB, p. 17)

É no capítulo “A lição de Doralice”, que se inaugura, como porta de entrada, toda a filosofia de Salomão Chaib. Ele nunca mais, depois dessa operação, iria ligar para o corpo

apenas. Existia uma vida cheia de histórias no corpo que ele esquecera tanto. Lacan (1966) disse algo nesse sentido em um contexto de relação do sujeito com seu corpo. “A Isto porque a ciência é capaz de saber o que pode, mas ela, não mais do que o sujeito que ela engendra, é incapaz de saber o que quer”. (LACAN, *apud* SIMÕES & GONÇALVES 1966, p.32).

É possível observar informalmente como estas histórias estão sendo silenciadas com a perda da sensibilidade na modernidade líquida e o império do individualismo. Deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa e evitamos nos relacionar de forma mais íntima. Hoje, segundo Donskis (2014), o mal se revela com mais frequência quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso. Culminando em uma disfunção de alguns órgãos dos sentidos que se apresentam incapazes de perceber estímulos que em condições “normais” evocariam imagens, sons ou outras impressões. (DONSKIS, 2014, p.16)

Com a perda da sensibilidade, a escuta, não percebe nas entrelinhas da fala do outro as palavras não faladas e lágrimas represadas, resultando no que o coautor de Bauman, Leonidas Donskis, chama de cegueira moral. Percebe-se aqui que o mal é mencionado de maneira não muito evidente, não está confinada as guerras ou as ideologias totalitárias. “A verdade mais desagradável e chocante de hoje é que o mal é fraco e invisível” (BAUMAN, 2013, p. 17). Chegando a ser citado por Donskis como algo que está à espreita em cada ser humano normal e saudável e que assume a máscara da fraqueza sendo ao mesmo tempo a própria fraqueza.

Autores de personalidades filosóficas das redes sociais têm apontado argumentos que vão ao encontro dos de Bauman e que o grande interesse pelos vídeos e pelas falas destes autores (dado o grande número de visualizações) indica como esse tema tem interessado ao público. Em um vídeo publicado no Youtube em 25 de março de 2015 de uma palestra do filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário brasileiro, Mario Sergio Cortella, com o tema “morrer é ser esquecido”, o autor chama a atenção de pessoas que morrem em vida por serem banais, inúteis, fúteis e não fazem a menor falta. “Enquanto o individuo estiver contigo na memória, na recordação, você continua vivo” (CORTELLA, 2015).

Note que essa fala torna mais evidente os patamares monstruosos da insensibilidade. Segundo os textos de Bauman, não é mais necessário alguém ser banal ou inútil para ser esquecido. O fenômeno da insensibilidade permite nosso esquecimento deliberado do outro, a recusa proposital em reconhecer um ser humano de outro tipo, descartamos alguém vivo, real, e que está fazendo e dizendo alguma coisa bem ao nosso lado. Tudo por causa da insensibilidade que se tornou subjetiva ou em nome dos relacionamentos no Facebook cuja

proximidade possivelmente irá se limitar no território virtual. Percebe-se o desejo de nos comunicar associado a uma alienação diante uma amizade simulada, imaginada e construída sem nenhum vínculo íntimo. Enquanto os próximos sofrem em silêncio.

Em seus textos Baumam também fala que a família moderna tornou-se um grupo de estranhos vivendo debaixo do mesmo teto, esse tema merece atenção, pois dialoga com a proposta desse projeto. Mário Veloso em seu livro *Livre para Amar* (1984), apresenta uma pesquisa feita por norte-americanos que tentou descobrir quanto tempo a média dos pais e das mães daquele país dedica a seus filhos. Eles colocaram pequenos microfones nas roupas das crianças para que pudessem ficar registrado quantas palavras e o tempo que os pais usavam para comunicar-se com eles. Descobriu-se que milhares de pais norte-americanos de classe média dedicavam uns 37 segundos por dia de atenção a família. “Sob essas condições, não é estranho que uma nação se desmorone moralmente” (VELOSO, 1984, pag. 123).

O resultado dessa pesquisa mostrou os sinais e razões de eventuais crises nos relacionamentos familiares para além do que foi descrito. No Brasil, filmes de sucesso nacional como “O vendedor de Sonhos” (2016) de Jayme Monjardim<sup>1</sup> e “Coringa” (2019) de Todd Phillips, trouxeram a mesma discursão. Em 2020, diante do isolamento social devido a pandemia do novo corona vírus (Covid-19), segundo levantamento do Colégio Notarial do Brasil, as separações saltaram de 4.641 para 7.213 (54%) entre maio e julho de 2020. Segundo uma pesquisa do site Época. “Os casais têm relatado que as incompatibilidades ficaram mais evidentes nesse período de isolamento social, em relação a estresse cotidiano, divisão de tarefas, ajuda para cuidar dos filhos”.

## **A ARTE DO DIÁLOGO: UMA PROPOSTA PARA A MODERNIDADE LÍQUIDA**

Daniel Goleman em seu livro *Inteligência Emocional* (1995) relata uma experiência que vivenciou em Nova York. Ao entrar no ônibus numa tarde de verão, Goleman foi surpreendido com a saudação que veio do motorista. O autor afirma que o motorista repetiu a mesma saudação com um largo sorriso no rosto com todos os passageiros, mal humorados e com visível desconforto, que iam entrando ao longo do percurso no denso tráfego do centro da cidade. As pessoas se surpreendiam, mas com o humor comprometido seja pelas condições climáticas, seja por outros motivos, poucos retribuía o cumprimento.

O motorista acentuou um animado comentário sobre o cenário em sua volta enquanto o ônibus transitava no centro da cidade: “havia uma liquidação sensacional naquela loja, uma

---

<sup>1</sup> Filme inspirado no romance Best Seller do psiquiatra e escritor Drº Augusto Cury.



exposição maravilhosa naquele museu, já souberam do novo filme que acabou de estreiar ali na esquina?” (GOLEMAN, 2012, p. 21). Todos foram contagiados pelo sorriso e pelo prazer do motorista ao apresentar a riqueza de possibilidades que a cidade oferecia. Ao descerem do ônibus o inimaginável aconteceu, as pessoas já com um humor diferente de quando entraram, deram uma resposta sorridente ao motorista quando lhes dirigiu o sonoro “até logo, tenha um ótimo dia”.

Goleman chama a atenção para uma questão crítica. Quando ele entrou no ônibus naquela tarde, ele havia acabado de se doutorar em psicologia. Mas, segundo ele, a psicologia da época não dava muita atenção para uma alteração comportamental que ocorresse desse modo, pois a psicologia não conhecia muito acerca do mecanismo da emoção.

Nota-se aqui a urgência de pessoas capacitadas e habilitadas em promover o bem estar através do diálogo no contexto de modernidade líquida e seus inúmeros conflitos. O presente artigo trouxe, entre outras coisas, as consequências estimuladas pelas redes sociais, enfatizando o individualismo, a solidão e a necessidade das pessoas de falar de si. Por não encontrarem “ouvidos” capacitados e dotados de sensibilidade para lhes escutarem, se sentem sozinhos em meio à multidão. Essa incapacidade de escutar ou perceber o outro foi colocado como a nova forma do mal, pois ser esquecido pode ser sinônimo de morrer para o outro ou não se sentir amado. Bauman (2004) pontuou que o que amamos em nosso amor próprio são os seus apropriados para serem amados. O que amamos é o estado ou a esperança, de sermos amados. De sermos objetos dignos do amor, sermos reconhecidos como tais e recebermos a prova desse reconhecimento. Com isso, o autor está fazendo uma análise de um dos pensamentos mais conhecidos “amar o próximo na mesma proporção que você se ama”. Em suma:

Para termos amor próprio, precisamos ser amados. A recusa do amor – a negação do status de objeto digno de amor – alimenta a auto aversão. O amor próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros. Se na sua construção forem usados substitutos, eles devem parecer cópias, embora fraudulentas, desse amor. Outros devem nos amar primeiro para que comecemos a amar nós mesmo. (BAUMAN, 2004, p. 102)

A princípio, o amor próprio estimula as pessoas a tentar a todo custo lutar pela vida e se manterem vivos, a melhorar a aptidão física para tornar efetiva essa resistência (Bauman, 2004, p.). Considerando essa afirmação, os conflitos e demandas apresentados anteriormente e a perda da sensibilidade na modernidade líquida resultando na fragilidade dos laços humano, surgiu a ideia do projeto Ironia do Dialogo Psicológico (IDP), que contém os termos estruturantes da investigação qualitativa.

Sua matéria prima é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação. E o movimento que informa qualquer abordagem ou análise se baseia em três verbos: compreender, interpretar e dialetizar. (MINAYO, 2011, p.622)

O senso comum é à base dos estudos qualitativos, pois ele se constitui de valores, crenças, opiniões e modos de pensar, sentir, relacionar e agir. Considerando o processo de subjetivação dos códigos da modernidade líquida comentados anteriormente, ficam evidentes os desafios do projeto IDP, uma vez que a linguagem, as atitudes e condutas do senso comum são expressões da subjetividade.

A princípio soa como algo desafiador, pois não se trata de um objetivo que consiste somente em cumprimentar as pessoas, o que já seria um feito inusitado. Vitória da Conquista (cidade onde foi realizado o projeto) é um município cujos costumes se aproximam de hábitos de cidade mais mecanizada. Segundo o IBGE, em 2018 já contava com 338.885 habitantes. Os textos de Bauman dialogam muito bem com os conflitos dessa sociedade. As pessoas caminham apressadas, introspectivas, com fones no ouvido e navegando em seus smartphones. Um “estranho” se aproximar das pessoas e tentar estabelecer um diálogo seria uma proposta desafiadora, porém os resultados de algumas experiências evidencia o quanto a arte do diálogo pode ajudar as pessoas ao mesmo tempo em que ficaram claro algumas consequências que a modernidade líquida trouxe.

O projeto desenvolveu a arte de compreender cada sujeito inserido nesse contexto de pós-modernidade levando em conta sua singularidade, pois sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Sabendo que a vivência de cada pessoa ocorre no âmbito da história coletiva. A IDP inspira-se no método socrático e, o pesquisador, ciente de que não conhece o interlocutor, utilizou o recurso do questionamento. Uma única pergunta pode conter o poder explosivo de mil respostas. Ao longo do diálogo o interlocutor relatava seus conflitos e externava seu modo de pensar, assim as pessoas entrevistadas podiam compreender seu modo de existir sem ser necessário impor nenhum juízo de valor. “Somente o conhecimento interior é a autentica compreensão”. (GAARDER, 2012, p. 80)

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho de campo iniciou em 2016 e se estendeu até 2020, obtendo resultados fidedignos a proposta do projeto. No início o mentor (autor) do projeto encontrou dificuldades por falta de habilidades sociais aquela realidade para adequar a prática no contexto social.

Algumas pessoas se recusaram a estabelecer qualquer tipo de conversa, o que lhe causou perplexidade, pois conversar sobre assuntos diversos era comum ao pesquisador em sua cidade de origem localizada no parque nacional da Chapada Diamantina, Bahia. No dia 02/10/2018 na aula da disciplina “Teorias e técnicas/ dinâmicas grupos”, seus colegas do curso de psicologia da turma 2015.2 da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB consideraram, quase que unanimemente, que tais práticas eram invasivas<sup>2</sup>. Contudo, verificou-se, com a evolução e adequação da prática um retorno satisfatório que reforçava o comportamento da proposta, as pessoas (a maioria jovens) abordadas começaram a se envolver com a conversa de diversas formas.

Vamos apresentar impressões gerais de alguns encontros significativos. Os sujeitos trouxeram relatos que versavam sobre relacionamentos familiares, superação de dificuldades, confissões, falta de reciprocidade nos relacionamentos amorosos, dentre outros. Os conflitos sobre relacionamentos familiares foram os mais comuns. Problema vinculado à falta de compreensão nos diálogos com os pais; dificuldade de pertencer a uma família cujos pais são separados; confissões da vontade de sair da casa dos pais; ideação suicida por não se sentirem amados pelos pais. Falas denunciando uma frustração com os relacionamentos interpessoais e ao mesmo tempo tais dificuldades sendo interpretadas como experiência de vida e aprendizado. E, em alguns casos os adolescentes mostravam os pulsos mutilados, isso foi bem comum quando surgiu o jogo baleia azul<sup>3</sup>.

A proposta IDP não consistia apenas na escuta, mas também em participar da conversa, entabular e conduzir um diálogo de forma agradável. Isso exigia do autor habilidade e um repertório de assuntos satisfatório para saber ouvir e falar. Os conteúdos da teoria de Bauman eram os mais pertinentes nas conversas, sendo solicitadas por algumas pessoas as referências para fazer a leitura. A conversa em si proporcionava aos entrevistados um entusiasmo que alguns procuraram o pesquisador nas redes sociais e a partir daí criaram laços de amizade.

Os lugares mais comuns para esses encontros acontecer eram em praças, quiosques da universidade (UESB, campus: Vitória da Conquista, Bahia), pontos de ônibus e até mesmo dentro do ônibus durante o trajeto pela cidade. Algumas dessas pessoas mantiveram contato constante com o pesquisador nos dias que se seguiram, como é o caso de Esther, que mesmo

<sup>2</sup> Tais considerações foram emitidas somente por conceitos pré-formados (preconceito), com base em percepções singulares de cada aluno (a).

<sup>3</sup> Baleia Azul é o nome atribuído a um conjunto de 50 desafios diários e autodestrutivos — ganhou repercussão midiática ao fazer vítimas fatais. Em todo o mundo, jovens e adolescentes se envolveram com o sinistro convite ao suicídio (última etapa do “jogo”).

demonstrando insegurança no início, disse que *“quando alguém toma sincera iniciativa, as coisas fluem. Sempre percebi um real interesse da parte dele em solidificar uma amizade, e houve um investimento de tempo nessa solidificação”*. Ela era aluna da UESB e sempre dialogava com o pesquisador durante o almoço no restaurante universitário ou nos intervalos das aulas, mesmo diante das diferenças ideológicas em alguns temas, ela afirmou *“compreender que as diferenças são normais, e nunca me senti desrespeitada por nenhum de seus posicionamentos, e também agi de modo a evidenciar o respeito recíproco que sinto”*. Acrescentou ainda que *“se as pessoas se importassem mais umas com as outras, sem focar em seus próprios interesses (sem minimizar/desconsiderar os interesses do próximo), mais amizades sinceras teriam lugar”*.

O projeto foi tomando maiores proporções quando o pesquisador mapeou e se familiarizou com a dinâmica da prática. Os gatilhos para despertar o interesse das pessoas eram assuntos que tinha muito a ver com os conflitos da modernidade líquida citados anteriormente. Essa prática era tão inusitada que despertava interesse em pessoas próximas onde a conversa acontecia. Gabriela foi uma dessas pessoas, ao ser solicitado a enviar por e-mail suas impressões sobre o projeto, ela escreveu:

*“Um belo dia, no ônibus, observei um rapaz entrar. Simpático e com olhar fixo para motorista e cobradora de ônibus. Ele ficou em meio a uma pequena aglomeração na parte frontal do ônibus. Aquele rapaz começou a conversar com a cobradora demonstrando um nível grande de entendimento do mundo, sujeito e relações. A cobradora parecia encantada com tão belo discurso que ouvia aquele rapaz falando. O discurso era sobre as teorias psicológicas aplicadas no cotidiano, segundo minha interpretação “leiga” sobre psicologia, analisei e concluir isso brevemente. Para minha surpresa depois de sentir-me tão confortável com aquele discurso positivo sobre sujeitos e suas ações, ele fazia citações de autores e suas obras com data de publicação e tudo, aquele discurso acadêmico naquele contexto me chamou a atenção. Fui, assim, depois desse diálogo no ônibus para mais um dia rotineiro de estudante.”*

Ela era aluna da UESB e o pesquisador a conheceu por acaso no restaurante universitário, a mesma relatou que nesse encontro no restaurante universitário ela ficou impressionada pelo fato do quanto à psicologia fazia parte da vida do autor do projeto. Ela ainda disse ser grata por ter se tornado amiga do pesquisador.

O restaurante universitário foi um espaço proporcional para ter acesso aos alunos (as) de diversos cursos oriundos de diversas cidades. Vários encontros evidenciaram os diversos níveis de sofrimento psíquico dos alunos e alunas e o quanto o projeto IDP contribuiu e

ajudou na elaboração desses conflitos. Sobre um desses encontros, uma aluna da UESB, que participou do projeto, enviou por e-mail a seguinte mensagem:

*“Eu estava passando por um momento muito complicado para mim, pois estava em uma situação completamente nova e sem a presença de meus pais. Estava lidando com problemas com meus tios, com o namorado, com a faculdade, com certas amigas que estavam me deixando ainda mais para baixo, e tudo aquilo estava me entristecendo muito. No meio desse meu confronto com os problemas, eu conheci Enoque na fila do restaurante universitário. Começamos a conversar sobre várias coisas, e de repente eu estava me abrindo, coisa que muitas vezes eu não me sentia confortável a fazer. Aquele dia eu fui para casa bem mais leve, e sabendo que eu tinha um amigo em quem eu podia confiar.”*

Entre tantos encontros significativos, um marcou o projeto IDP. Em um diálogo com uma adolescente no ônibus, o pesquisador lhe falava dos conflitos entre as famílias e o adoecimento psíquico que resultava desses atritos entre pais e filhos. De poucas palavras, ela fitou seu olhar no pesquisador demonstrando perplexidade com a fala do mesmo. No final da viagem, ao despedir, ela solicitou o número para contato. No segundo encontro (que ela mesma marcou), fez confidências dos seus conflitos e de quanto foi importante a conversa do projeto IDP no ônibus, e concluiu: “Se existe Deus, foi Ele que colocou você em minha vida naquele dia, pois eu estava voltando pra casa para me suicidar”

O projeto se mostrou importante também em um contexto de pandemia onde o isolamento social associada a uma solidão trouxe agravamentos na saúde psíquica de muitos. Em julho de 2020 o autor dialogou com um morador de um condomínio no centro da cidade (Vitória da Conquista), o sujeito trouxe demandas como: desespero durante a noite por se ver só no apartamento e intensificação da solidão. Disse ainda que conversava sozinho, com as paredes e com seu animal de estimação. Relatou não conseguir dormir sem ingerir bebidas alcoólicas e que esse consumo aumentou durante a pandemia. Esse diálogo foi pautado pela escuta e compreensão de tudo que foi dito. Alguns dias depois o mesmo relatou que com aquele dialogo ele voltou para o apartamento e questionou seu posicionamento diante dos conflitos, tentou entender por qual motivo específico estava com aqueles comportamentos “sentei em minha cama em posição de yoga e iniciei uma conversa comigo mesmo, com meus problemas, conversei um pouco com cada um deles”. Com essa intervenção ele conseguiu aquietar seus sintomas de ansiedade e, para surpresa do próprio pesquisador, não consumiu mais bebidas alcoólicas.

O retorno desse encontro aconteceu alguns dias após a intervenção, e por não ter sido acompanhado, não podemos verificar o tempo da eficácia. Compreendemos também que esse projeto não substitui um profissional de saúde mental, uma psicoterapia ou uma análise. Mas tem sim, a ambição de resolver uma das facetas dos problemas da atualidade, a crise do diálogo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados mostrados nesse trabalho, ficou evidente que os sujeitos são capazes de se sensibilizar em múltiplos sentidos ao falar de suas questões e admitem estabelecer o diálogo com o pesquisador mesmo estando inserido em uma sociedade que favoreceria a insensibilidade. Com isso, foi mostrada a importância de um diálogo significativo para o sujeito mesmo na modernidade líquida, sendo a IDP uma possibilidade de recurso a ser usado para facilitar essa sensibilização.

A cultura do diálogo implica um autêntico aprendizado e nos ajuda a reconhecer o outro como um interlocutor com seus segredos e complexidade. Tal cultura permite compreender as diferenças e um olhar com mais empatia para um sujeito a ser escutado, considerado e apreciado. Portanto, se faz urgente envolver todos os atores sociais na promoção de uma cultura que privilegie a arte do diálogo como forma de encontro significativo.

## REFERÊNCIAS

ACIOLI, Sonia. **Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito.**

Londrina, 2011, p. 3. Disponível em:

<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/11334>.

BAUMAN, Z. **A arte do diálogo é a nossa revolução.** 2017. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/eventos/567564-a-arte-do-dialogo-e-a-nossa-revolucao-artigo-de-zygmunt-bauman>. Acesso em: 10 de Abril de 2019.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. & DONKIS, L. **Cegueira Moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida.** Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

CHAIB, Salomão A. **E agora doutor?** Edição: Jornal Almanara, São Paulo, 1981.

DE CASTRO E MARQUES, Cecília; CZEMAK, Rejane. **O olhar da psicologia no artigo: uma cartografia.** Psicologia & Sociedade. vol. 20, nº 3, setembro- dezembro, 2008, p. 360-366.

GOLEMAN, Daniel, ph.D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente.** Rio de janeiro: Objetiva, 2012.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia.** Ed. 1. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

Karnal, Leandro. **O dilema do porco-espinho: como encarar a solidão.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

KIMBERLY S. Young, XIAO Dong Yue e LI Ying. **Estimativas de prevalência e modelos etiológicos da dependência de internet**. Edição: Artmed, 2011. Disponível em:

[https://www.larpsi.com.br/media/mconnect\\_uploadfiles/c/a/cap\\_01\\_71\\_.pdf](https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_71_.pdf)

GARATTONE, Bruno; SZKLARZ, Eduardo. Smartphone: **o novo cigarro**. Super Interessante, São Paulo, nº 408, p. 20-31.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a07.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MONTAIGNE, M. de. **Ensaio: Da amizade e outros textos**. Primeira Edição na coleção L&M POCKET. Porto Alegre, RS. Agosto, 2017.

**Morrer é ser esquecido**. Mario Sergio Cortella. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=DR3fb1\\_Gb44&t=202s](https://www.youtube.com/watch?v=DR3fb1_Gb44&t=202s). Acesso 08 de Abril de 2019.

O DILEMA das redes. Jeff Orlowski. Estados Unidos: Larissa Rhodes, 2020. 1h 29min.

OKA, Mateus. Modernidade líquida. **Todo Estudo**. Disponível em:

<https://www.todoestudo.com.br/sociologia/modernidade-liquida>. Acesso em: 28 de Março de 2021.

TORRES, Luís Wanderley. **Nordeste pitoresco e divertido**. Ed. São Paulo: EDICON, 1984.

UHING HUR, Domenico. **Psicologia, Política e Esquizoanálise**. In:\_. Forças, Potência e Micropolítica. 2ª edição, Campinas SP: Alínea, 2019, p. 15-46.

VELOSO, Mário. Livre para amar. In:\_. **Vida Familiar**. 1ª edição. São Paulo: Casa, 1984, p. 119-128.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)



### **Enoque Luz dos Santos**

Graduando do décimo semestre do curso de bacharelado em Psicologia; Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)- Campus de Vitória da Conquista – Brasil; E-mail: enoquesantos0310@gmail.com

### **Carla Eloá de Oliveira Ferraz**

Mestra em Enfermagem e saúde pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Campus de Vitória da Conquista – Brasil; E-mail: caueloa@yahoo.com.br